

Os BRICS e 2050

QUASE METADE DA POPULAÇÃO MUNDIAL VIVE ATUALMENTE NOS BRICS, ACRÔNIMO CRIADO PELO ECONOMISTA JIM O'NEILL, DO GOLDMAN SACHS, FORMADO PELAS INICIAIS DE BRASIL, RÚSSIA, ÍNDIA E CHINA

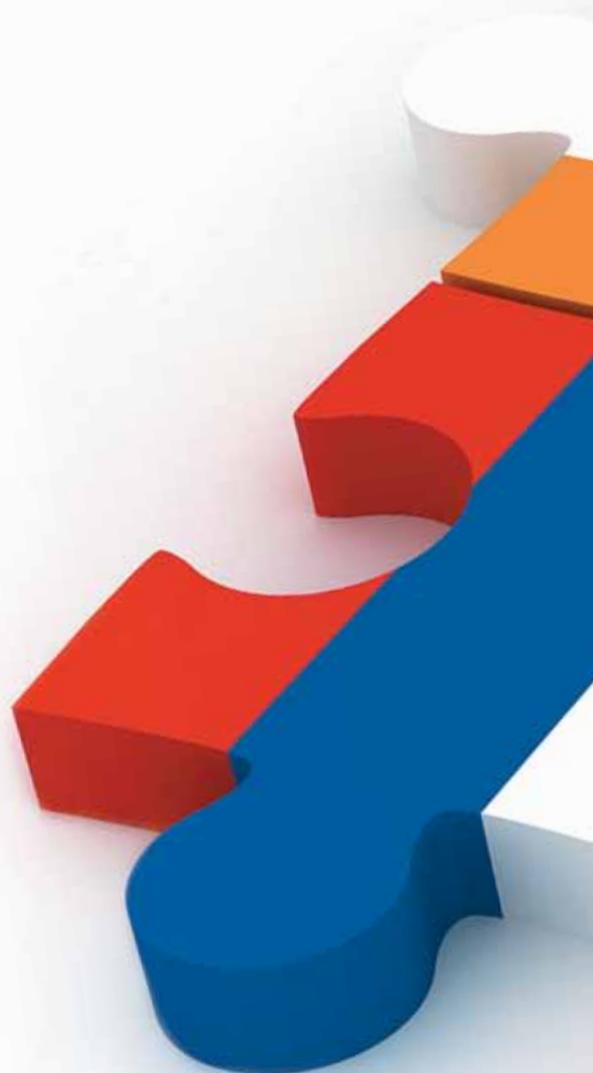
POR PAULO SANDRONI

Cerca de 3 bilhões de almas (a maioria penadas) sobrevivem nesses países, que ocupam 2/5 da área terrestre do planeta. Além de populações e territórios grandes, os BRICs têm outra característica comum: são países fora do eixo desenvolvido do mundo formado por Estados Unidos, Europa e Japão. Na avaliação do Goldman Sachs, no entanto, as perspectivas dos BRICs quanto ao crescimento econômico são excelentes. Em 2008, o PIB dos países mais desenvolvidos, grupo denominado G8 (sem a Rússia), somava cerca de US\$ 32 trilhões – quase metade correspondente aos Estados Unidos, com US\$ 14 trilhões. O PIB dos BRICs alcançava cerca de US\$ 9 trilhões (a China com US\$ 4,4). Se o ritmo de crescimento destes últimos se mantivesse até 2050, a situação se inverteria radicalmente: o G8 teria um PIB de US\$ 66 trilhões e os BRICs, um PIB de cerca de US\$ 128 trilhões. Isto é, os BRICs teriam quase o dobro do PIB do G8. O Brasil, com US\$ 11 trilhões, ocuparia o quarto lugar, abaixo apenas da China (US\$ 70 tri), dos Estados Unidos e da Índia.

Segundo o mesmo relatório, ao Brasil estaria reservado o papel de grande exportador de alimentos e matérias-primas. A Rússia exportaria energéticos e mão-de-obra altamente qualificada. A Índia exportaria serviços especializados (hoje

se destaca no telemarketing) e a China se destacaria como grande fornecedora de produtos industrializados de média e alta tecnologia.

Bem, é sempre fascinante tentar desvendar o futuro, ou, como diria Mário de Andrade, em outro contexto, “algarismar o amanhã”, especialmente quando ele nos parece favorável. Além disso, a menção do presidente Barack Obama à inclusão da China, da Índia e do Brasil na solução dos grandes problemas globais durante a última reunião do G8 em Áquila, na Itália, e a





inclusão de México, África do Sul e Egito, formando o G14, é sinal de que a importância dos BRICs é cada vez maior no contexto internacional. Não há dúvida quanto a isso.

No entanto, é necessário lembrar que o desenvolvimento econômico de cada país pode sofrer grandes tropeços. Se os mesmos cálculos fossem feitos há 40 anos, o Japão seria hoje a maior potência econômica mundial: o Japão está há quase 20 anos estagnado. E o Brasil ocuparia o terceiro ou quarto lugar: depois de duas décadas

perdidas, ocupa o 11°. Nada garante que o crescimento da China, por exemplo, se manterá elevado pelos próximos 40 anos. E nada garante que, se isso ocorrer, o custo não será uma catástrofe ecológica geral. Outra questão interessante: três dos BRICs são potências militares e têm independência política em relação aos Estados Unidos. O que acontecerá se a China, com um PIB de mais de US\$ 70 trilhões, disputar com outras potências sua influência e domínio sobre áreas fornecedoras de matérias-primas e energéticos?